

## OS JUDEUS EM ALENQUER (PA)

**Henrique Veltman**

Um dos patriarcas dos hebraicos da Amazônia, **Moisés Benguigui** chegou a Belém no dia 09 de junho de 1909, vindo de Manaus. Hospedou-se na sinagoga da Rua das Indústrias e, dias depois, a chamado do seu tio, embarcou para Marapani, um lugarejo situado às margens do rio Solimões, na região conhecida como Coarí. Lá, Moisés abriu uma bodega: servia cachaça, fumo, e farinha aos caboclos, e deles recebia o sernambi (borracha), algumas castanhas, óleo de copaíba. Dez anos ficou Benguigui em Coarí (AM). Em 1919, a convite de David Azulay, mudou-se para Oriximiná, próximo a Óbidos, no rio Amazonas, e meteu-se na charqueação de gado. - A borracha já estava em crise, explicou Moisés. Era preciso buscar outros meios de ganhar a vida.

Em 1931, ele foi até **Alenquer**, na mesma região da Amazônia, para casar com a judia, dona Ester Alves, filha de **Alenquer**, cujos pais vinham de Rabat e de Lisboa. Com Ester Alves (na origem, El Baz), teve oito filhos, sendo cinco homens e três mulheres. As três vivem hoje em Israel. Em 1983, já tinha mais de trinta (ou seriam quarenta?) netos, indagava ele mesmo, incrédulo. Na sinagoga Sharr Hashamayim, na Rua Arcipreste, em Belém, já centenário, Moisés Benguigui, lúcido, acompanhava todo o serviço. E a cada tropeço do rabino Hamu, não hesitava em corrigi-lo, publicamente.

A viagem de Henrique Veltman até em Alenquer - Num Fiat 147 disfarçado de taxi, resolvemos enfrentar uma viagem de duas horas até Alenquer, outra cidade da Amazônia onde, segundo nossos informantes de Belém "não há mais judeus". É uma viagem, no mínimo, empolgante. A mais de 120 km horários, o Fiat voa por um caminho de terra. Macacos, saguis, araras, periquitos, cobras, caititus, espiam assustados durante todo tempo. Num certo momento, o carro precisa ser transportado de balsa, pelo rio Curuá. Por onde garimpar os judeus? Descemos uma rua, chegamos ao cais e o impulso nos conduz a uma casa baixa, muitas janelas, uma placa à porta: "Esta é a residência de Abrão Fima e família: Alenquer, 1967". A porta está aberta e uma pessoa lê, vestido apenas de short. Batemos palmas, pedimos licença. Fomos calorosamente recebidos. O que procuramos hebraicos? Pois já encontraram. Abrão Fima é falecido e a viúva está em Manaus. Mas, os filhos, caboclos, sabem de tudo. Abrão era filho de Rachel e Jacob Fima, ambos de Tanger. Nasceu em 1909, chegou ao Brasil em 1930, faleceu em 1972. A esposa não era judia, "não há hebraicos em Alenquer", explica o filho Max Diniz Fima, que por sua cor escura, é conhecido na cidade como o

"judeu preto". Abraão era judeu praticante e culto. Nas diversas reuniões dos clubes de serviço da cidade, tipo Rotary, era ele quem, em nome da comunidade hebraica, apresentava e defendia os pontos de vista dos israelitas. Foi um homem importante e conhecido, que sabia como era vã a glória do mundo. Tanto que não teve dúvidas, ele próprio mandou fazer e colocar a placa na porta de sua casa. Porque não há ruas ou escolas em Alenquer que lembrem o seu nome. Teve seis filhos, José, Max, Jacob, Jackson, Carlos Alberto e Raquel. Três desses filhos retornaram ao judaísmo, mudando-se para Manaus e integrando-se ao Ishuv (comunidade) local. Max Fima, em Alenquer, herdou o patrimônio do pai e toca os negócios da família. Seu "feeling" judaico é extraordinário. Sente-se judeu, arranha alguma coisa em hakitia e guarda com grande zelo os sidurim e os livros do pai. É o próprio Max quem conduz a outros hebraicos em Alenquer, especialmente Ruth Athias, ex-professora e alta funcionária do Banco do Brasil. Enquanto aguardamos a Ruth, Max nos conta que até a morte do seu pai, os judeus de Alenquer reuniam-se na casa do "seu" Shalon. Em Belém, ele e Jacob freqüentavam as duas sinagogas e o Grêmio Azul e Branco. Jacob jejua no Kipur e coloca, quando pode, os tefilin. Seu pai Abraão passou 30 anos sem sair de Alenquer.

Ruth Athias nasceu em Alenquer em 1950. Era filha de Jacob Amiram Athias e da Aduzinda Coelho Athias. Tem dois irmãos, Rubens e Noemi. Sabe que o pai veio de Marrocos francês e viveu a partir dos 12 anos, numa olaria em Oriximiná. Foi casado duas vezes: do primeiro casamento teve dois filhos, um dos quais vive no Rio de Janeiro. O outro, Jonathas Athias, falecido há alguns anos, foi Secretário da Educação do Estado do Pará. Ruth sempre procurou fazer o jejum do kipur, "sem muito sucesso". Mas, fala com carinho de Pessach (Páscoa), do matzá (pão ázimo) e do vinho casher (ritualmente puro). Ela se corresponde regularmente com o primo Yehuda Athias, que vive em Hifa, e mostra com orgulho o bronze comemorativo da Guerra dos seis dias. Ela demonstra claramente que se envaidece da origem judaica e não precisaria de muito esforço para retornar ao judaísmo praticante.

Na mesma Alenquer, uma figura extraordinária: Ambrósio Benzaquen. Seu avô "foi vizir na corte do sultão de Marrocos". Seu pai, David Benzaquen, um chacham que enriqueceu no Brasil. A mãe, uma cabocla chamada Maria Nepomucena Rodrigues. Ela nasceu em Barreirinha, no Amazonas em 1913. "Viveram ajuntados 18 anos", conta Ambrósio. Tiveram cinco filhos (Fortunato, Rachel, Amélia, Rafael e Ambrósio), separaram-se em 1922. E por que? "Papai conheceu, em 1922 uma moça judia. Casou-se com ela. Não quis nos desamparar, mas mamãe ficou furiosa e não quis aceitar o "arranjo"

que ele propôs. Ambrósio teve dez filhos, 56 netos, 4 bisnetos. Vive numa maloca de Alenquer, onde fabrica vassouras. Antigamente, trabalhava para Isaac Hamoy, de Óbidos, na comercialização de castanhas. "Meu pai era um homem rico, tinha 17 "negócios". E muitas canoas de regatão. Tinha um empregado, Clodoaldo, cuja única função era nos levar a passear pelo rio". Benzaquen lembra com detalhes a figura do primo David Zara Benzaquen, a quem chamava de tio, e que era responsável pelas festas. Faziam Sucot (festas das cabanas), Passach (Páscoa), jejuavam no Ion Kipur. Ambrósio sabe que teria direito a uma parte da herança do pai, casado em Parintins com uma judia da família Mendes. Mas não é homem de brigar por essas coisas, "especialmente nesta fase da minha vida", resmunga.

**Fonte:** "Os hebraicos da Amazônia" - Autor: Henrique Veltman.

Este texto foi gentilmente autorizado pelo Sr. Veltman.

Pesquisado por Roberto Mesquita.